

A GEOPOLÍTICA DO IRÃ DE ACORDO COM A TEORIA DOS ESPAÇOS TAMPÃO GEOGRÁFICOS

Syrus Ahmadi Nohadani¹

Introdução

Ao longo do desenvolvimento da história da humanidade, muitos países têm servido como Estados-tampão desde a evolução do conceito de Estado. O onde e o porquê desses Estados assumirem essa função pode ser melhor explicado pelo escopo da geografia. (Chay 1986, 11). Nos níveis regional e internacional, duas ou mais potências disputam o controle do Sistema Internacional ou de áreas geopolíticas. Essas potências buscam alcançar objetivos maiores como controlar e infiltrar esses espaços geográficos. Nos padrões de disputa de poder entre potências, suas zonas de influência encontram-se separadas umas das outras. Entre duas zonas de influência diferentes existe um espaço chamado de “espaços vazios”, ou de vácuo, um espaço geográfico com um grau de poder mais baixo. Os limites geopolíticos dos espaços de influência das potências não devem encontrar-se porque, sendo este o caso, a possibilidade de conflito entre elas pode aumentar. Dada sua importância, as potências tendem a balancear suas disputas visando a manutenção desse espaço. As potências reagem a cada movimento desses espaços garantindo que se tornem espaços de controle, manutenção e ponderação. Os espaços tampão, via de regra, não podem proteger-se sozinhos. O que previne o colapso desses espaços é a ação direta das potências e o resultado da rivalidade entre elas. As duas grandes potências tamponadas procuram atrair parceiros para a manutenção de seus interesses na zona tampão. É possível, inclusive, que os parceiros internos cooptados pelas potências não estejam cientes da real finalidade de seus papéis, podendo ser contra a permanência da função tampão de seu Estado ao passo que cooperam, involuntariamente, para a manutenção do *status quo*. Os membros

¹ Professor Assistente no Departamento de Geografia Política, Tarbiat Modares University, Teerã, Irã. E-mail: sahmadi@modares.ac.ir

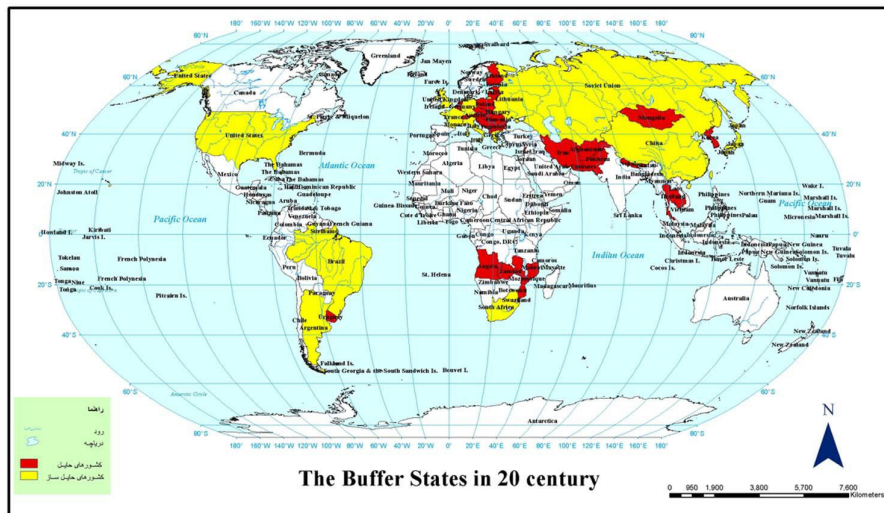
das equipes de apoio do poder estrangeiro são sempre selecionados entre os cidadãos desses espaços. As potências estão sempre cientes e respondendo prontamente ao comportamento de seus rivais nestes espaços.

O Irã tem sido um Estado-tampão durante os dois últimos séculos. Com o poder terrestre ao Norte e o poder marítimo ao Sul, as grandes potências cercavam o território iraniano disputando-o constantemente. Ambas, Rússia e Inglaterra, formaram seus grupos de apoio dentro do Irã (Hafeznia 2009, 5). Esse padrão de ingerência e competição tem sido repetido, ao longo da história, na disputa pelo espaço geopolítico iraniano. Primeiramente, pela rivalidade entre Grã-Bretanha e Rússia, seguida pela competição entre União Soviética e Estados Unidos e, finalmente, por Rússia e Estados Unidos. Nos dois últimos séculos, um padrão de competição geopolítica, em nível internacional, tem afetado o Irã, sendo a situação política interna iraniana um reflexo deste padrão. Os Estados-tampão são comumente classificados como Estados pequenos mas, geograficamente, não o são. Estados médios ou grandes, em termos populacionais e de extensão, podem, também, servir como zonas tampão. Segundo Thomas Ross “Entre as duzentas entidades nacionais políticas atualmente, no mínimo, 32 delas, em algum período deste século, serviram como Estado-tampão” (Ross 1986, 20), e, o mais interessante, a maioria deles está localizado na Eurásia. As elites destes espaços, não raramente baseadas nas políticas externas de seus países, tendem a apoiar-se em uma das duas potências tamponadas, o que leva a um crescente enfraquecimento desses Estados tornando-os ferramentas para a extensão do poder das potências em suas zonas de influência. A maioria dos Estados-tampão segue uma política de neutralidade em busca da manutenção da paz, evitando conflito direto entre as potências. Em algumas situações especiais, esses espaços são efetivamente ocupados por grandes potências, como no caso do Afeganistão, Líbano, Camboja e Irã (ocupados pela Rússia e Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial). Isso acontece porque, quando uma das grandes potências se encontra enfraquecida, a outra potência enxerga uma oportunidade de ocupar a zona tampão transformando-a em zona de influência própria, como nos casos do Afeganistão e Líbano.

Embora os Estados-tampão, como elementos funcionais válidos, já estejam presentes nas Relações Internacionais, existe a necessidade de redefinição desses espaços. Assim, buscamos explicar as características estruturais-funcionais dos Estados-tampão.

O objetivo principal da pesquisa é investigar e explicar as diferentes funções dos Estados-tampão. A pergunta principal da pesquisa, portanto, é qual a natureza, as funções, características e comportamentos políticos dos espaços geográficos das zonas tampão?

Figura 1. Estados-tampão no século XX



Fonte (Autor)

Definição do espaço geográfico tampão

Os principais indicadores e características do espaço tampão são:

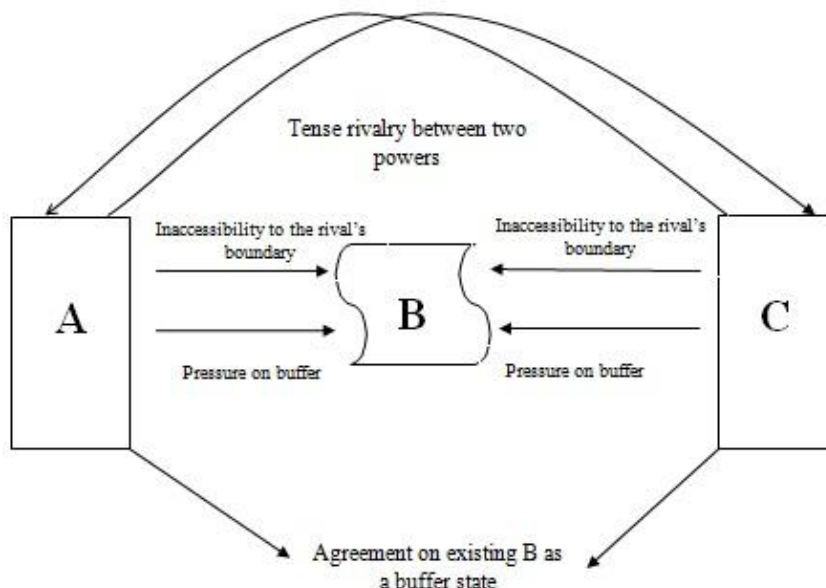
1. Está localizado entre duas potências rivais;
2. A zona tampão é, via de regra, um Estado pequeno e com pouca força no Sistema Internacional;
3. Criação de um balanço geopolítico e redução de conflitos entre duas potências hostis;
4. Neutralidade em assuntos externos;
5. Ser um Estado independente e com soberania política;
6. Importância estratégica para a potência criadora da zona tampão.

Para tornar-se um Estado-tampão, um país deve ter as características citadas acima e as definições já mencionadas. De acordo com as discussões até aqui, pode-se concluir que um espaço tampão é um:

Espaço geográfico que inclui uma ou mais unidades políticas independentes e neutras, estando localizado entre uma ou mais potências concorrentes, ou entre suas esferas de influência e grandes potências ou entre blocos de poder rivais, separando esses dois e reduzindo a probabilidade de conflito

de tal forma que ambos concordam sobre a condição de tampão.

Figura 2: Padrão dos espaços tampão



Tradução da figura: rivalidade tensionada entre dois poderes (meio, acima), inacessibilidade à fronteira do rival (esquerda e direita, acima), pressão na zona tampão (esquerda e direita, abaixo), concordância de que B seja um Estado tampão (meio, abaixo)

A = Potência tamponada ou sua esfera de influência; C = Potência tamponada ou sua zona de influência; B = Espaço tampão.

O Estado-tampão é visto pelos políticos de diferentes formas em diferentes situações; às vezes como um caminho a ser ultrapassado e às vezes como uma plataforma de lançamento para desenvolvimentos futuros (Wight 1995, 160-161, Turmanidze 2009, 41). O aumento da rivalidade entre as duas potências no Estado-tampão faz com que este Estado se encontre em situação de perdedor. Em função de sua fraqueza política, o Estado-tampão não consegue alterar as políticas das potências estrangeiras ou confrontá-las com suas próprias políticas.

O Método da Pesquisa

O processo de coleta de dados está baseado na literatura especializada e nos resultados de pesquisas de campo. O número de amostras utilizadas é de 83 especialistas abrangendo os campos da geografia, Geografia Política, Relações Internacionais, Ciência Política, História e Ciências Estratégicas. Em termos de nacionalidade, 71% das fontes participantes são iranianas e 29% são estrangeiras. As amostras utilizadas na pesquisa foram selecionadas aleatoriamente e os resultados são usados na sessão que analisa os resultados da pesquisa. Ademais, a pesquisa está baseada na investigação do processo de formação, características e funções da “situação tampão do Irã”. 40 variáveis foram utilizadas, incluindo 6 variáveis na discussão do processo de formação dos espaços tampão, 12 variáveis na relação com as características dos espaços tampão e 22 variáveis na relação com as funções dos espaços tampão nas dimensões interna e externa, caracterizadas com base nas referências bibliográficas.

Os resultados de campo relacionados as funções da “situação tampão do Irã” são demonstradas uma por uma utilizando a ferramenta *t-test* no SPSS. Utilizando o método de análise *K-Means Cluster*, o alcance das variáveis funcionais do “espaço tampão iraniano” são elencadas em três categorias, incluindo alta importância, média importância e baixa importância.

Características Geográficas e Históricas do Irã

O Irã está localizado no sudeste asiático, estando limitado ao norte pelo Mar Cáspio e ao sul pelo Golfo Pérsico, o Mar de Oman e o Oceano Índico. A localização do Irã tem sido parte estratégica em arranjos regionais e internacionais de teorias geopolíticas. (Ahmadi & Parsaei 2005, 277-297). Atualmente, existem algumas regiões geográficas com importância política sendo foco de disputas locais, regionais e internacionais. As regiões geopolíticas em torno do Irã são as seguintes:

1. Ásia Central, o Mar Cáspio e Cáucaso ao norte; 2. O subcontinente indiano e o Afeganistão ao leste; 3. O Oceano Índico ao sudeste; 4. O Golfo Pérsico e o Mar de Oman ao sul; 5. A Turquia e a região árabe a oeste do Irã.

Essas regiões possuem algumas sub-regiões geopolíticas. Por exemplo, o norte do Irã é formado por três sub-regiões geopolíticas incluindo a Ásia Central, o Mar Cáspio e o Cáucaso, possuindo um papel-chave nas linhas de comunicação entre essas três sub-regiões. Em geral, a localização geográfica

do Irã é uma junção de linhas de comunicação, espaço tampão e importância geopolítica, geoeconômica e geoestratégica. A mistura dessas funções é responsável por colocar a posição geográfica iraniana em uma situação única. Essa situação, por um lado, pode atuar como uma garantia de estabilidade e desenvolvimento econômico, e, por outro lado, pode trazer instabilidade, insegurança e perda de oportunidades e capacidades, (Ezati & Yazdanpanah 2007, 69) uma vez que sua importância afeta questões políticas internas e externas do Estado e também estratégias de potências regionais e globais. (Malakootiyan 2004, 219). Mesmo com todos os avanços tecnológicos, a experiência de guerras passadas mostrou que quando um Estado possui uma localização estratégica, não consegue manter-se longe de conflitos internacionais ou, em outras palavras, assumir uma política de isolamento do conflito. Isso porque deveria reconhecer sua posição geográfica como de importância ímpar na formulação de estratégias, principalmente militares, agindo de apropriada e buscando beneficiar-se dessa posição essencial para desenvolver o seu país. (Ezati 2003, 78). Entretanto, esta situação não foi compreendida pelo Irã nos últimos dois séculos (e mesmo que tivesse sido) e o país não optou por uma ação abrangente e tem sido uma arena para a rivalidade dos poderes globais.

Desta forma, a pesquisa pretende focar na evolução política do Irã nos últimos dois séculos nos quais a situação de tampão tem afetado diretamente a vida política do Estado. Durante este período, o Irã esteve imerso na competição estratégica de potências mundiais atuando como um espaço de amortecimento da rivalidade competitiva dessas potências. A competição entre Grã-Bretanha e Rússia, e o exercício de seu domínio, enfraqueceu e incapacitou a estrutura do Estado iraniano na primeira metade do século XX. (Fouler 1994, 23) Essa situação configura uma nova experiência na Geografia Política e geopolítica resultante das rivalidades das potências e engajou Ghajar, Phalavi e a República Islâmica dos estados iranianos. Em geral, o início do período investigado inicia-se em 1800 (durante a dominação britânica na Índia e o ataque russo ao Irã). O foco da pesquisa abrange o período de 1800 até 1989, com o colapso da União Soviética.

Resultados da Pesquisa

Nos últimos dois séculos, a situação tampão do Irã resultante da competição de grandes potências, inicialmente entre Inglaterra e Rússia e posteriormente entre Estados Unidos e Rússia, criou uma situação difícil para o Irã, que tem enfrentado uma série de dificuldades para manter sua

unidade e soberania. Por isso, pode-se defender que o estudo da história contemporânea iraniana estaria incompleto sem a consideração do papel das grandes potências, sob a perspectiva geopolítica, neste espaço. Nos últimos dois séculos, as relações com Rússia e Inglaterra, seguidas pelas relações com Estados Unidos e Rússia - que mantiveram interesse no espaço iraniano, foram as questões mais importantes na política externa iraniana. Como Malekoshoraie Bahar colocou: o Irã poderia ser comparado com uma pessoa cuja corda no pescoço está sendo puxada para dois lados opostos enquanto se debate. (Manshoor Gorgani 1989, 17). A atuação do Irã esteve mais passiva, e este papel foi imposto pelos grandes poderes a Teerã. De fato, a incapacidade de resposta iraniana foi comprovada quando Rússia e Inglaterra atacaram seu território dividindo-o entre russos e britânicos sem qualquer reação por parte do Irã. Essa situação continuou até o final da Guerra Fria quando o Irã passou a servir de espaço tampão entre a União Soviética e Estados Unidos.

Neste estudo, utilizando-se de referências bibliográficas, as variáveis para a formação, características e funções dos espaços tampão foram identificadas conforme são apresentadas a seguir.

Formação do espaço tampão

As Motivações e os Porquês:

1. Existência de duas potências hostis; (Ross 1986, 26). (Ziring 1986, 153)
2. Existência de um espaço relativamente fraco entre as potências rivais; (Chay 1986, 192).
3. Tendência das potências à expansão das fronteiras geográficas ou geopolíticas, evitando a aproximação direta com as fronteiras da potência rival; (Ziring 1986, 155)
4. Falha por parte das potências em incorporar o Estado-tampão;
5. Rivalidade entre as grandes potências e pouco poder político do espaço tampão; (Partem 1983, 3)
- 6 Acordo entre as grandes potências na criação do espaço tampão e na não-interferência neste espaço. (Ahmadi 2013B)



Figura 3: Irã no Grande Jogo e a divisão do Irã em três regiões no Tratado de 1907 entre Rússia e Inglaterra.

Características de um espaço tampão

1. Localização geográfica;
2. Conteúdo geográfico.

Características Políticas

1. Um país independente; (Ali Soofi 2006, 130)
2. Política de neutralidade e inclinação a um terceiro poder; (Kemp 2008). (Maila 1986:30)
3. Distribuição de poder no espaço tampão (existência de grandes potências e de um espaço político fraco); (Hannah 1979, 188 in Jenkins, 1986, 187)
4. Sucesso das potências na manutenção do espaço tampão enfraquecido.

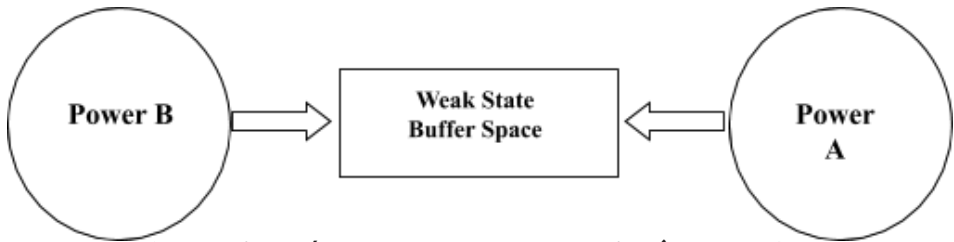


Figura 4. O Padrão Básico do Espaço Tampão (Estado fraco, espaço tampão)

Características Geopolíticas

1. Competição das potências no espaço tampão;
2. Aceitação do espaço pelas potências tamponadas; (Turmanidze, 2009, 48 in Rondeli, 2003, 165)
3. Importância estratégica do espaço tampão para as potências rivais; (Nezio 1984, 122) (Warrin 1918, 87)
4. Tendência das potências de adicionar espaços tampão a seus sistemas de defesa. (Hooshang Mahdavi 2009, 225).

Características Econômicas

1. Pequeno crescimento econômico, perda de interesses geopolíticos e geoeconômicos do espaço tampão (Katoozian 2010, 75).

Funções do Espaço Tampão

Funções na Dimensão Externa

1. Manutenção da paz; (Ross 1986, 25)
2. Encorajar o Estado-tampão a incorporar-se nas alianças desejadas pelos Estados protegidos por ele; (Fouler 1994, 256)
3. Reação negativa das potências tamponadas com a relação do Estado tampão com outras potências e, particularmente, com terceiros poderes; (Ahmadi 1392)
4. Potências sensíveis às políticas rivais e ações no espaço tampão; (Katoozian 2010, 119)
5. Manutenção dos interesses das potências no Sistema Internacional; (Ziring 1986, 153)

Funções na Dimensão Interna

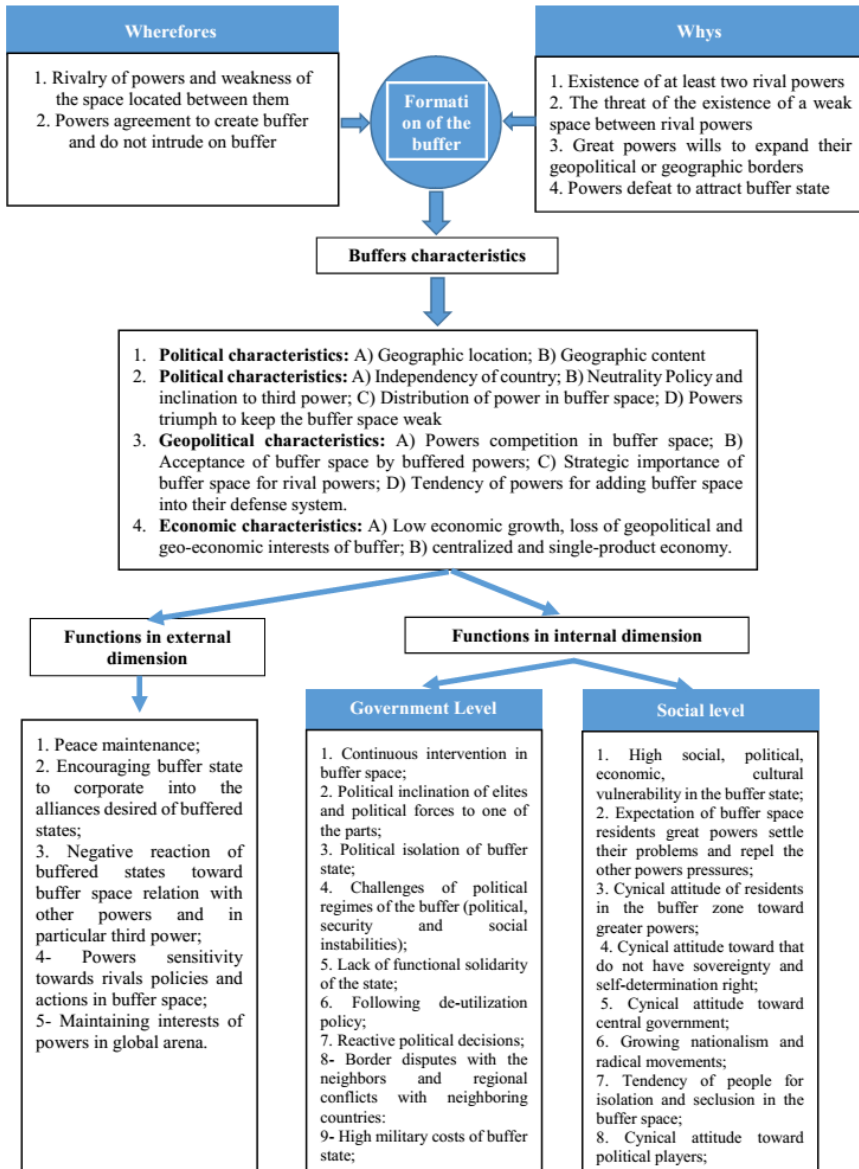
1) Nível governamental

1. Intervenção contínua no espaço tampão; (Corm 2007, 4)
2. Inclinação política das elites e forças políticas internas a uma das partes tamponadas; (Abrahamian 2005, 147)
3. Isolamento político do espaço tampão; (Ziring 1986, 157).
4. Desafios políticos para o regime político do espaço tampão (instabilidades políticas, securitárias e sociais); (Maila 1986, 38-39) (Fox 1959)
5. Falta de solidariedade funcional do Estado; (Bashirie 2001, 25)
6. Continuidade da política de baixa utilidade; (Nezio 1984, 165)
7. Decisões políticas reativas; (Turmanidze 2009, 25)
8. Disputas de fronteiras e conflitos regionais com países vizinhos;
9. Alto custo militar do Estado-tampão. (Ziring 1986, 156)

2) Nível Social

10. Alta vulnerabilidade social, política, econômica e cultural no Estado-tampão; (Katoozian 2010, 70).
11. Expectativa dos residentes da zona tampão de que as grandes potências resolverão seus problemas além de repelir as pressões de outros poderes na região;
12. Atitude cínica dos residentes da zona tampão com as grandes potências; (Ghafari Hashtjin 2003, 22-33)
13. Atitude cínica com relação aos seus direitos de soberania e autodeterminação; (Fouler 1994, 23)
14. Atitude cínica com relação ao governo central; (Fox 1959).
15. Nacionalismo e movimentos radicais crescentes; (Jenkins 1986, 180).
16. Tendência de isolamento e reclusão do povo em Estados-tampão; (Tulchin 1986, 213)
17. Atitude cínica com atores políticos; (Ahmadi 1392)

Figura 5. O padrão do espaço tampão



Fonte: (Ahmadi 2015, 28)

Debate e Conclusão

É necessário que existam duas potências rivais para a formação de um espaço tampão. A Coréia, o Vietnã, a Bélgica, o Líbano, o Afeganistão, o Irã e outros espaços tampão têm se localizado entre duas ou mais potências responsáveis por converter esses espaços em espaços-tampão. Às vezes, esses espaços estão localizados entre diversas potências como no caso do Líbano, que esteve sob pressão de potências regionais (Israel e Síria), potências globais (Rússia e Estados Unidos) e potências supra-regionais (Irã e Arábia Saudita) sendo um espaço tampão de multinível. Nos últimos dois séculos, o Irã tem desempenhado a função de Estado-tampão entre Inglaterra e Rússia; Inglaterra e União Soviética; Estados Unidos e União Soviética; e, finalmente, entre Estados Unidos e Rússia. O Estado-tampão é um espaço localizado entre duas ou mais potenciais competidoras que separam essas potências e reduzem o conflito, fazendo com que ambas concordem com a condição da zona tampão.

Rússia e Inglaterra, cujas rivalidades beiravam as fronteiras iranianas, enxergavam a ocupação do Irã e do Afeganistão por outra potência rival como uma ameaça estratégica a si próprias. Contudo, nem a Rússia nem a Inglaterra poderiam ocupar efetivamente o Irã, pois precisavam manter seu território neutro entre suas esferas de influência. No século XIX e no início do século XX, a Inglaterra pretendeu mover-se das fronteiras indianas até o noroeste para abordar as fronteiras russas, e a Rússia pretendeu aproximar-se das fronteiras da Índia britânica. O resultado da competição desses poderes foi a separação de algumas áreas com a manutenção do território principal do Afeganistão e Irã independentes e como zonas tampão, reduzindo a possibilidade de conflito entre essas potências. Consequentemente, a Rússia e a Inglaterra assinaram um tratado em 1834 concordando com a independência e a integridade territorial do Irã como uma zona tampão entre ambas. Além disso, assinaram um Tratado em 1907, um apêndice dos acordos prévios, reconhecendo a condição de espaço tampão do Irã e do Afeganistão, dividindo o território iraniano em duas zonas de influência, sendo o norte de controle russo, o sul de controle britânico e o centro territorial de controle do governo iraniano. O principal objetivo da criação das áreas de controle do Estado foi a prevenção do confronto militar entre essas potências e seus interesses competitivos no Irã.

Características e Traços dos Espaços Tampão

A localização geográfica é um fator fundamental na criação do espaço tampão. Sua vizinhança e sua posição geopolítica possuem os papéis de maior importância nos espaços tampão. De fato, o país vizinho do Estado-tampão é uma das maiores fontes de preocupação das potências tamponadas. Quando um Estado fraco possui um Estado vizinho forte, o Estado fraco passa a ser sempre uma fonte de preocupação para o Estado mais forte já que sempre existe a ameaça de que outro Estado forte utilize aquele espaço enfraquecido para interesses próprios. Consequentemente, o Estado mais forte tentará anexar o Estado mais fraco ao seu território ou atraí-lo para sua área de influência ou tratados de segurança antes que outro Estado forte o faça. Nesta situação, o Estado-tampão é convertido em um semi-tampão.

Por isso, a localização da vizinhança pode acabar aumentando a possibilidade de conflito na região. A Coreia, por exemplo, está localizada entre três Estados fortes (Japão, China e Rússia). Esses Estados com poder político sentiram-se inseguros, temendo que o espaço fosse ocupado por outra potência. Então, a Coreia tem sofrido a influência simultânea desses Estados fortes que acordaram em uma situação tampão, não intervindo diretamente no território coreano e, ao mesmo tempo, garantindo que outro poder estrangeiro não o invada.

A posição geopolítica e a vizinhança do Irã, com a Rússia ao norte e a Inglaterra a sudeste através do território indiano, fez com que esses Estados poderosos se sentissem inseguros não permitindo que seu rival adentrasse este espaço em suas estratégias ofensivas. Então a potência rival aceitou a condição de tampão, independente e neutra, do Irã e do Afeganistão.

O espaço tampão investigado nesta pesquisa é um espaço independente e com soberania política. As potências protegidas por ele aceitaram sua independência desde que o equilíbrio de poder fosse mantido. Essa característica pode ser vista em diferentes espaços tampão como na Coreia, Bélgica, Líbano, Afeganistão e no próprio Irã.

A característica mais importante da política externa dos espaços tampão é a neutralidade. Dado que o espaço tampão sofre a ameaça dos poderes rivais constantemente, tenta manter-se neutro para prevenir uma ingerência ainda maior. O espaço tampão reconhece que não pode confrontar as grandes potências. Se a condição de neutralidade é anunciada pelas potências, esta será mantida por eles, mas se a neutralidade é anunciada apenas pelo Estado-tampão, poderá ser interrompida caso seja de interesse das potências estrangeiras. A ocupação do Irã na Primeira e na Segunda

Guerra foram evidências dessa condição.

Além da política de neutralidade, os Estados-tampão tendem a cooperar com um terceiro poder para reduzir a pressão sofrida pelas potências que o cercam. Essa política é posta em prática quando o Estado-tampão percebe dificuldades na manutenção de sua neutralidade e independência em relação as grandes potências. Assim, o espaço tampão inclina-se para uma terceira potência procurando manter a balança de poder ao seu favor. Nos dois últimos séculos, o Irã adotou uma política de aproximar-se de uma terceira potência: buscou a Inglaterra na era Safavid, a França na era Qajar, a Alemanha na primeira era Pahlavi e aos Estados Unidos na segunda era Pahlavi. Mas em cada um dos casos, as potências responsáveis pela condição de tampão mostraram uma reação negativa e aumentaram suas pressões sobre o Estado iraniano. Assim, a aliança com o terceiro poder, quando o terceiro poder não é uma potência vizinha, não pode ser classificada como uma estratégia securitária do Estado-tampão, tendo em vista que o terceiro poder envolvido não possui um comprometimento para proteger a independência e a soberania do Estado-tampão caso um conflito seja iniciado.

O espaço tampão é um espaço de competição social, econômica, política, militar e industrial. As potências protegidas por ele organizam seus atores neste espaço buscando extrair ao máximo a potencialidade de seus interesses, prevenindo, ao mesmo tempo, que outras potências atuem neste espaço. Por outro lado, as potências diretamente envolvidas concordam com a manutenção da soberania do Estado, demonstrando que não estão dispostas a entrar em embate uma com a outra. Se o Estado-tampão é colocado sob a influência de uma única potência, a balança de poder estará desequilibrada. O primeiro Tratado reconhecendo o Irã como um Estado-tampão foi assinado em 1841 entre Rússia e Inglaterra e garantia a independência iraniana e sua integridade territorial. Os interesses estratégicos de ambas na Ásia central e no subcontinente indiano tornaram inevitável a criação do espaço tampão.

Na primeira metade do século XX, quatro tratados foram assinados entre Rússia e Inglaterra sobre o território iraniano, demonstrando sua importância como Estado-tampão. Os tratados possuem diretrizes conforme enumeração a seguir: o Tratado de 1907 dividiu o Irã em duas zonas de influência entre Rússia e Inglaterra e uma área de influência do próprio Estado iraniano; o Tratado de 1915 que dividiu o Estado iraniano em apenas duas áreas de influência entre Rússia e Inglaterra; o Tratado de 1919, imposto ao Irã pela Inglaterra e o Tratado de 1921 no qual Rússia e Inglaterra acordaram que a região do Irã fosse um espaço tampão.

Outra característica atrativa do Estado-tampão para as grandes potências é sua importância estratégica. Uma região torna-se atrativa para

um Estado forte quando apresenta potencial estratégico. No caso iraniano, as características mais atrativas para as grandes potências, e que causaram rivalidade, foram as seguintes: sua fronteira com a Índia ao sudeste; sua fronteira com a Rússia ao norte; seus recursos energéticos; sua localização geopolítica; e sua posição central entre os continentes asiático, africano e europeu.

Ademais, as potências tamponadas buscam anexar o espaço tampão a sua área de segurança-defesa. Bélgica e Afeganistão estiveram sob ameaça de colapso porque países tamponados por eles não possuíam poder para anexá-los aos seus territórios. Vietnã e Coréia desintegraram-se devido à competição como Estados tampão. O Camboja não foi desintegrado porque um dos Estados, neste caso, ganhou a competição e a estrutura do Estado-tampão não se manteve. Já Vietnã e Coréia foram desintegrados porque nenhuma das potências ganhou a competição e não puderam controlar seus territórios.

A diminuição significativa de poder de uma das potências abre espaço para que a outra potência ocupe o espaço tampão entre elas. Por exemplo, essa situação ocorreu duas vezes no Afeganistão. Quando a Inglaterra retirou suas forças do Oceano Índico, e os Estados Unidos tomaram o controle da região, a União Soviética beneficiou-se do vácuo de poder deixado e atacou o Afeganistão em 1979. A segunda situação ocorreu em 1991 quando, com o colapso da União Soviética, a Rússia retirou-se do território afegão, pavimentando o caminho para a ocupação estadunidense.

Dito isso, se um Estado-tampão apresenta uma política hostil com uma grande potência, uma pressão multifacetada é formada sob este Estado até o ponto em que pode ser efetivamente forçado a mudar sua política externa. A guerra imposta entre Irã e Iraque foi um resultado da política externa iraniana.

Funções do Espaço Geográfico de Tampão

Um Estado-tampão tem como função diminuir a possibilidade de conflito entre dois países fronteiriços em conflito ou duas grandes potências concorrentes, e, caso não consiga exercer sua função, será transformado em uma arena de combate dos Estados vizinhos ou se tornará um corredor para forças invasoras estrangeiras. Inglaterra e Rússia não entraram em choque na Ásia porque estavam cientes do poder crescente um do outro e, por isso, reconheceram que a criação de um espaço tampão seria a melhor opção. Ao transformarem o Irã e o Afeganistão em Estados-tampão, tornaram possível a manutenção da paz entre elas.

Além disso, os Estados tamponados não raramente buscam atrair

Estados-tampão para suas coalizões ou tratados de cooperação ao mesmo tempo em que buscam evitar que esses Estados sejam cooptados pelas zonas de influência de potenciais competidoras. A primeira coalizão entre o Irã e um Estado ocidental foi o tratado com a Inglaterra em 1801 quando a Inglaterra cooptou a ajuda iraniana para repelir ataques afgãos na Índia formando um quadro de coalizão ofensiva. O Tratado defensivo de Baghdad - uma inovação norte-americana - foi assinado por Inglaterra, Turquia, Iraque, Irã e Paquistão em 1955. Posteriormente, o Iraque retirou-se do Tratado em 1958 e outros membros estabeleceram o Tratado CENTO.

De modo geral, portanto, as potências tamponadas apresentam alta sensibilidade com as relações dos Estados-tampão com outras grandes potências ou Estados fortes, monitorando essas relações e, quando necessário, colocando os Estados-tampão sob pressão. O pior cenário para um Estado tamponado, portanto, é a inclinação do Estado-tampão a uma terceira força. Sempre que o Irã se aproximou de um terceiro poder, foi confrontado com reações negativas de Inglaterra e Rússia, e, em alguns casos, resultou na formação de uma aliança entre essas potências para combater a terceira força. O Irã foi encorajado a entrar no Grande Jogo com o apelo francês em 1800 para confrontar Rússia e Inglaterra. A Rússia e Inglaterra, por sua vez, não tinham a intenção de aceitar a presença de uma terceira força no Irã. O terceiro poder mais significativo a atuar na região foi a Alemanha, preocupando ambas as potências pelo crescimento de seu poder no Irã e na Europa na época.

Ambas monitoraram o comportamento alemão no Estado-tampão e demonstram suas reações negativas. Existem diversos casos nos quais as potências tamponadas comprometeram-se com ações efetivas como reação ao comportamento de poderes rivais na região tampão, incluindo invasões militares, ocupação, ataques, boicotes e ameaças.

O Comportamento dos Atores Políticos Nacionais e as Atitudes dos Cidadãos em Espaços Tampão

No nível governamental, os países tamponados sempre intervêm em estados tampão. Essa tendência é observada em todos os Estados-tampão já citados até aqui, Coréia, Bélgica, Afeganistão e Irã, ao ponto, inclusive, da Rússia ameaçar o Irã pela assinatura de um tratado bilateral com a Inglaterra. Também, a Inglaterra adotou a mesma postura em relação ao Irã quando a situação se mostrou desfavorável. No caso iraniano, essas intervenções na política interna foram aumentadas quando a Inglaterra foi substituída pelos Estados Unidos . Após a Revolução Iraniana e a instauração da República

Islâmica, essas pressões cresceram de forma intensa pelos Estados tamponados (Estados Unidos e Rússia).

As elites e atores políticos do Estado-tampão tendem a associar-se com umas das potências tamponadas, o que acaba trazendo uma série de inabilidades e dependência para seu próprio Estado, aumentando progressivamente a influência da potência estrangeira em seus assuntos internos. Nos dois últimos séculos, o comportamento político dos governos iranianos não tem sido linear em relação às grandes potências, com cada um dos governos assumindo um comportamento especial. Por isso, neste meio tempo, alguns atores políticos foram acusados de favorecer relações com alguns Estados em detrimento de outros baseados em interesses particulares; às vezes, cooperavam com as grandes potências e às vezes foram definidos pela moderação ou pelo desprezo total por algum Estado tamponado em especial. Além disso, alguns políticos simplesmente não souberam optar por alguns dos lados. Isso porque muitos dos acontecimentos da vida política dos Estados-tampão não são espontâneos mas sim um resultado da rivalidade das potências tampadas por ele.

Os Estados-tampão são confrontados com desafios políticos constantes por causa da pressão e influência dos Estados tamponados por ele, além de serem impedidos de tomar decisões independentes em suas políticas interna e externa. Ademais, suas disputas com Estados vizinhos fazem com que, muitas vezes, encontrem-se isolados. Esse isolamento pode gerar uma falta de integridade funcional da máquina estatal, fazendo com que os órgãos do governo se aliem com uma das potências tamponadas. Por outro lado, os Estados-tampão assumem uma política de rebaixamento para não entrarem no radar de preocupações das grandes potências, diminuindo o risco de intervenção externa. Assim, o enfraquecimento do Estado é contínuo e suas decisões políticas passam a ser meramente reativas. Os processos de decisões e formulação de políticas são resultantes das vontades políticas de grandes potências ou de suas reações positivas ou negativas, fazendo com que a atuação política do Estado-tampão seja errática, temporária e reacionária, sem um plano de atuação de longo prazo.

A função mais importante do Estado-tampão no nível social são suas vulnerabilidades políticas, econômicas e culturais. Nos dois últimos séculos, as pressões externas têm causado derrotas sensíveis no campo político, social, econômico, militar e securitário iranianos. Sua situação de Estado-tampão levou à ocupação externa, à guerra, às sanções, à intervenção em seus assuntos internos, à falta de desenvolvimento, a derrotas militares, à pobreza e à fome, resultando em uma série de vulnerabilidades secundárias na vida dos iranianos.

Assim, a população de um Estado-tampão busca diferentes políticas e táticas, às vezes inclinando-se a um terceiro poder, ou buscando neutralidade para libertar-se das pressões resultantes da rivalidades das potências estrangeiras. Eles percebem que os triunfos de suas elites e atores políticos, muitas vezes, não são suficientes para evitar as pressões das potências externas e, conseqüentemente, recorrem a outras nações na busca por soluções de seus problemas internos. Assim, os cidadãos de Estado-tampão desenvolvem uma atitude cínica com potências externas, não raramente, formando um senso de xenofobia. A xenofobia, ou seja, a aversão ao estrangeiro, tem sido um dos fatores mais presentes na formação dos movimentos radicais e levantes iranianos. Isso mostrou-se aparente no Movimento Constitucional, e também esteve presente em diversos slogans populares durante a Revolução Islâmica.

Com a intervenção contínua dos Estados tamponados, a população iraniana desenvolveu a percepção de que não possui direito à autodeterminação, tendo em vista a constante imposição dos interesses das grandes potências ao Estado iraniano. Assim, formou-se uma atitude cínica, de falta de crença, com seus atores políticos e órgãos estatais, já que a população os percebe como meros fantoches do interesse estrangeiro e, por isso, evitam cooperar com estes. Nesta situação, protestos e nacionalismos, assim como movimentos liberais e, às vezes, separatistas foram formados, sempre com suporte popular.

Por sua condição, Estados-tampão enfrentam um maior número de suspeitas e acusações de espionagem de agentes políticos nacionais. A permanente ingerência externa nos assuntos internos iranianos, a inclinação inevitável das elites iranianas aos poderes externos, a falta de partidos e organizações enraizadas na população para guiar as campanhas estatais e a opinião pública levou a um clima de desconfiança do povo com seus atores políticos, vendo suas ações como negativas para o Estado e povo iranianos. Se por verdade ou por caricatura, a aversão à ingerência externa escalou de tal forma que a opinião pública passou a apontar para os ingleses como responsáveis por quaisquer problemas internos. Dessa forma, quando um agente político se opunha ao líder governamental, o povo interpretava a ação como oportunismo do interesse estrangeiro. Isto levou a uma aversão crescente aos movimentos elitizados, sendo bem visto apenas aqueles movimentos que estivessem de acordo com o espírito religioso e em oposição às grandes potências (sem cooperação simétrica com estas).

A situação atual do Irã

O Irã tem tido uma política de neutralidade hostil tanto com o Oeste

quanto com o Leste após a Revolução Iraniana. A incapacidade iraniana de conciliar suas necessidades ideológicas com as de seus países vizinhos causou um vácuo ideológico. A falta de experiência e a nova política agressiva de neutralidade causou um vácuo de poder no Irã e na região, tendo como consequência, inclusive, a guerra contra o Iraque.

Outra característica dos Estados-tampão é a ameaça constante de colapso, que o inclina a colaborar com um Estado vizinho forte. Ao final da guerra Irã-Iraque, o Irã inclinou-se para a União Soviética e o slogan “abaixo a União Soviética” foi removido dos slogans públicos iranianos. Consequentemente, a pressão do Leste (sendo um Estado tampando) foi removida e a guerra foi finalizada, colocando o Irã em uma posição de semi-tempão.

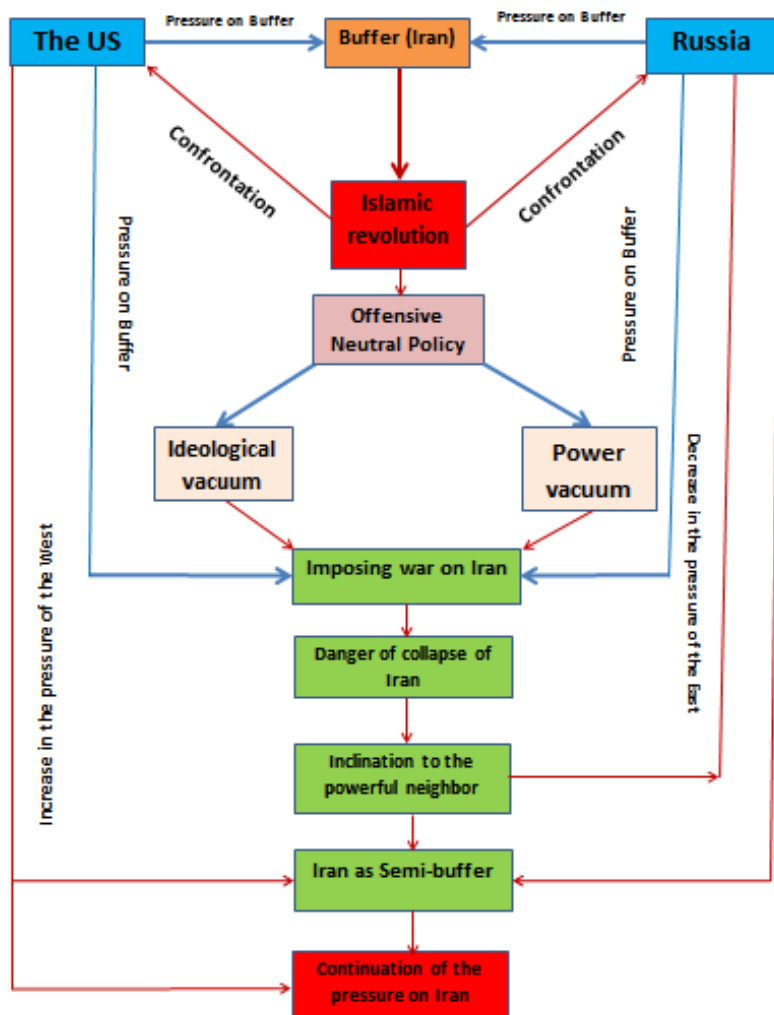
As considerações estratégicas iranianas nos últimos dois séculos estiveram ligadas às estratégias do Estados tamponados por ele, não tendo uma consideração estratégica independente em relação as suas políticas sociais, econômicas, culturais e militares. A situação de semi-tampão iraniana e a opção por uma política hostil (contra um dos Estados tamponados) fizeram com que o Irã fosse privado da cooperação internacional, diminuindo seu poder de barganha internacional e regional, prejudicando a integração regional (em cenários sem potências regionais), prevenindo a adoção e o acompanhamento de políticas desenvolvimentistas, evitando o aumento nas receitas em moedas estrangeiras e o crescimento econômico (em setores que não os atrelados aos recursos dos hidrocarbonetos). Nesta situação, o Irã não pode beneficiar-se de seu potencial geopolítico e geoeconômico para desenvolver-se em diferentes frentes.

Em função da situação imposta pela condição geográfica de Estado-tampão, o Irã deveria avaliar suas políticas internas e externas considerando suas realidades geográficas e geopolíticas, pois a falta de atenção a estas particularidades unida à situação geopolítica do Estado diminui significativamente seu poder e seu crescimento e sua capacidade pública de desenvolvimento e crescimento.

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer ao orientador da minha tese, Professor Hafeznia e aos meus dois conselheiros Professor Bernard Hourcad (Professor Emérito na CNRS-França) e ao Professor Pirooz Mojtahedzadeh, e agradecer ao Conselho de Pesquisa da Universidade Tarbiat Modares na compilação e edição dessa pesquisa.

Figura 5. Situação semi-tampão do Irã



(Ahmadi 2015, 35)

REFERÊNCIAS

Ahmadi Nohadani, Syrus & Ghorbaninejad, Ribaz. (2005). *Scientific theories in political geography and geopolitics*. Center of Excellence in Political geography, Tarbiat Modares University. Mashhad: Papali Press.

- Ahmadi Nohadani, Syrus. (2013). *Finding pattern of political character of geographical buffer space: case study: Iran*. PhD dissertation, supervised by Mohammad-Reza Hafeznia. Tehran: Tarbiat Modares University.
- Ahmadi, Seyed Abbas & Parsaei, Esameil. (2005). *Iran's position in the geopolitical theories*. The second congress of the Iranian Association of geopolitics, Iranian Association of geopolitics, Tehran, Iran.
- Ahmadi, Syrus. Explanation of the Functions of Iran's buffer Status in the past Two Centuries, (2015), *Geopolitical Journal*, V.12. (SCOPUS).
- Ahmadi, Syrus. Explanation the structural-functional characteristics of geographical buffer spaces, (2013B), *Geopolitical Journal*, V.8, No.28. (SCOPUS)
- Ahmadi, Syrus, *GEOPOLITICS OF BUFFER SPACES: CHARACTERISTICS OF IRAN'S BUFFER SITUATION BETWEEN GREAT POWERS IN THE INETEENTH AND TWENTIETH CENTURY (AD)*. (2013A), Sciences. International. (Lahore), 25(4), 1019-1030, 12013. (ISI)
- Ali Soofi, Ali Reza. (2006). Impacts of Russia and Britain Rivalry in Forming Mashrute Revolution. *Journal of Economic- Political Information*, No. 227-230, P.P: 128-139. (in Persian Language).
- Bashirie, Hussein. (2001). *Obstacles to political development in Iran*. Tehran: Game Now Press.
- Chay, John. (1986). *Korea, a Buffer State in World Politics*, ed. John Chay and Thomas Ross, (Boulder: Westview Press).
- Corm, G.. (2007) ; *L'Evolution du statut du Liban dans l'ordre régional et international (1840-2005)*, Colloque tenu le 29 septembre 2007 a l'Auditorium de la Maison du Barreau de Paris, intitulé : le Liban dans l'ordre juridique international.
- Ezzati, Ezzatollah & Kiyumars Yazdanpanah (2007). Analysis of the Geopolitics of Shanghai Cooperation Organization with Emphasis on Iran's Membership. *Geopolitics Quarterly*, No 3. (in Persian Language)
- Ezzati, Ezzatollah. (2003). *Geopolitics in 21th century*. Samt Press. (in Persian Language)
- Fouler, Graham. (1994). *World Qibla, Iran's Geopolitics*. Translated by: Abbas Mokhber. 4th print, Tehran: Markaz Press.
- Fox, A.B.. (1959). *The Power of Small States*. Chicago, Univ. of Chicago Press.
- Ghafari Hashtjin, Zahed. (2003). The role of foreign forces in the establishment and development of conspiracy theory in Iran from the Constitution Revolution to Islamic Revolution. *Economic and Political Information Journal*, pp. 191-192.
- Hannah, N. B. (1979). Afghanistan: The Great Gamble, *Asian Affairs*, An *American Review*, 6 janurary-Februry.
- Homayoon katoozian, Mohammad Ali. (2010). *Political economy of Iran from*

- the Constitution Revolution to the end of the Pahlavi dynasty*, translated by Reza Nafisi and Kambiz Azizi, 16th edition, Tehran: Markaze -Nashr Press.
- Hooshang Mahdavi, Abdolreza. (2009). *Iran's foreign relations history, from the beginning of the Safavid period to the end of World War II*, 14th edition. Tehran: Amir Kabir Press.
- Ingalls, G. L.. (1986); Buffer States: Outlining and expanding existing theory, (Chapter 12), in Chay, John and Thomas, E. Ross (edited by), *Buffer States in World Politics*, U.S.A, Westview Press.
- Jenkins, B. D.. (1986); The History of Afghanistan as a Buffer State, (Chapter 9), in Chay, John and Thomas, E. Ross (edited by), *Buffer States in World Politics*, U.S.A, Westview Press.
- Kempp, O.. (2008); *Etat pivot*, EGEA, Etudes geopolitiques et Atlantiques, vendredi 31 octobre, Available from: <http://egea.over-blog.com>.
- Maila, J.. (1986); Buffer States: The Issues of Sovereignty, in Chay, John and Thomas, E. Ross (edited by), *Buffer States in World Politics*, U.S.A., Westview Press.
- Malakootiyan, Mostafa. (2004). an introduction to political geography and geopolitical and strategic importance of Iran. *Law and Political Science Journal*, No. 63, pp. 203-221, Tehran.
- Manshoor Gorgani, Mohammad-Ali. (1989). *The Soviet Union and Britain competition in Iran, from 1917 to 1927*. Tehran: Ataie Press Institute.
- Nezio, Pio Kar Loter. (1984). *Russia and Britain Rivalry in Iran and Afghanistan*. Translated By: Abbas Azin. Tehran: Sherkat Entesharat Elmi va Farhangi.
- Partem, G. M.. (1983); The Buffer System in International relations, *The Journal of Conflict Resolution* (pre-1986) Vol. 27, No 1; mars.
- Rondeli, A.. (2003). *The Small State in the International System*. Tbilisi, Georgian Fondation for Strategic and International Studies, Metsniereba.
- Ross, Thomas, (1986); Buffer State: a Geographer perspective, in *Buffer State in World Politics*, ed. John Chay and Thomas Ross, (Boulder: Westview Press).
- Tulchin, J., S., (1986); Uruguay: the Quintessential Buffer State, (Chapter 11) in Chay, John and Thomas, E. Ross (edited by), *Buffer States in World Politics*; U.S.A, Westview Press.
- Turmanidze, Tornike. (2009). Buffer States, Power Policies, Foreign Policies and Concepts; in *Global Political Studies Series*. Nova Science Publishers, Inc, New York.
- Warrin, F.L., J.. (1918). *The Neutrality of Belgium*. Washington DC: Government Printing Office.
- Wight, Martin. (1995). *Power Politics*, ed. Hedley Bull and Carsten Holbraad.

London: Leicester University Press, Royal Institute of International Affairs.

Ziring, Lawrence. (1986). Asia's Pivotal Buffer States, In *Buffer States in World Politics*, ed. John Chay and Thomas Ross, Boulder: Westview Press. inc. U.S.A.

RESUMO

Com a ocupação da Índia pela Grã-Bretanha (1770), uma das potências mundiais a época e sua expansão territorial em direção às fronteiras do Ocidente e do Irã, a Rússia, também grande potência, iniciou seu expansionismo avançando em direção ao Oceano Índico e às fronteiras ao norte do Irã no século XIX (1804-1813 / 1826-1828). A Grã-Bretanha, pelo leste e pelo sul, e a Rússia pelo norte adentraram as fronteiras iranianas transformando seu território em uma zona tampão juntamente com o Afeganistão a fim de evitar um enfrentamento direto. No padrão de rivalidade pelos Estados-tampão, seus espaços geográficos devem estar separados. É necessário que o espaço geográfico entre as potências concorrentes detenha poder relativamente baixo. As barreiras geopolíticas entre as duas potências não devem entrar em contato porque, se este for o caso, a possibilidade de conflito pode aumentar. Portanto, o espaço tampão assume a forma de vácuo entre as potências que o produzem, amortecendo sua competitividade. Dito isso, a principal questão desta pesquisa é discutir quais são as origens, as funções, as características e o comportamento político do espaço geográfico de um Estado-tampão? Quais valores e funções geográficas fazem com que o espaço atue como um espaço tampão atraindo grandes potências? Para tanto, esta pesquisa apresenta uma nova definição de espaço tampão, definindo o processo de formação desses espaços (por que são formados e pelo que são formados), suas funções, investigando suas características em duas dimensões: a interna e a externa. Em seguida, a validade das variáveis é verificada utilizando dados da bibliografia especializada e da pesquisa de campo presentes no processo de avaliação de especialistas. Os resultados são analisados usando métodos estatísticos e SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Finalmente, essas variáveis são avaliadas no contexto do Irã.

PALAVRAS-CHAVE

Zona tampão; Estados-tampão; Geopolítica; Irã; Rivalidade de Poderes.

Recebido em 5 de outubro de 2019

Aprovado em 8 de maio 2020

Traduzido por Marina Felisberti